

MORIN, MAFFESOLI E FREUD: PENSANDO O COMPLEXO

*Maria Augusta Rondas Speller**

RESUMO

O pensamento de Edgar Morin, por mim estudado numa disciplina de doutorado, pareceu-me importante apoio na compreensão da educação e de realidades complexas como a de Peixoto Azevedo, cidade do norte de Mato Grosso, cenário de minha pesquisa sobre mulheres professoras. Noções tais como pensamento e paradigma complexos ajudam a considerar a realidade, sem reduzi-las em simplificações. No presente artigo, seguindo indicação do próprio Morin, faço articulações “entre o que está desconjuntado”: divagando, associo Morin, Michel Maffesoli e a concepção psicanalítica do humano.

PALAVRAS-CHAVE

educação, Morin, Maffesoli, psicanálise

ABSTRACT

Edgar Morin's work, discussed during my PhD classes, seemed to me of great relevance for education and for analysing complex realities such as the one in Peixoto de Azevedo, northern region of Mato Grosso, place where i made my PhD research on woman

* Psicóloga, psicanalista, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, professora Adjunta I do Departamento de Psicologia do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisadora, na pós-graduação do Instituto, no Projeto em História Oral da Linha de Pesquisa em História da Educação e coordenadora do Projeto Docência e Memória, do Grupo de pesquisa Educação, Subjetividade e Psicanálise da Linha de Pesquisa Educação e Psicologia, área de concentração Educação, Cultura e Sociedade. gurondas@uol.com.br

teachers. Notions such complex paradigm and complex thought help understanding without reducing reality. In this paper, following Morin's advices, i try to articulate the apparently inarticulated: Morin, Maffesoli and psychoanalysis.

KEYWORDS

education, Morin, Maffesoli, psychoanalysis

Morin, Maffesoli e Freud: pensando o complexo

A partir da leitura e discussões numa das disciplinas que fiz durante o doutorado, parece-me que Edgar Morin tem importantes contribuições a oferecer para se pensar a educação e os tempos que estamos vivendo. Já havia utilizado esse autor, juntamente com Michel Maffesoli, na elaboração do primeiro capítulo de minha tese, sobre mulheres que são professoras, para descrever e analisar o cenário da minha pesquisa, a cidade de Peixoto de Azevedo, no município do mesmo nome, no norte do Estado de Mato Grosso, área que foi palco de inúmeros conflitos entre índios, posseiros, grileiros, garimpeiros e colonizadoras. A cidade surgiu há uns vinte anos pelo garimpo que recebeu migrantes, de várias partes do Brasil, vindos em busca de uma vida melhor. O esgotamento do garimpo trouxe inúmeros problemas sociais mas, recentemente, novas possibilidades se vislumbram, pela agricultura.

A migração, com suas vicissitudes, é um processo muito presente em Mato Grosso, sendo importante, para a educação, estudar professoras migrantes. A educação nesta área de Mato Grosso oferece complexidades que pedem pensamento complexo e criativo e não reducionismos simplificadores. Como se deu a inserção das mulheres nessa área de ocupação recente? Quais as conseqüências psíquicas da migração e como podem estar atravessando a escola? Como lidam as professoras com as diferenças

entre os alunos, também migrantes de diversas partes do Brasil? O desenraizamento põe muitas vezes em xeque a construção subjetiva de professores e alunos; o rompimento com a origem faz com que o ser humano muitas vezes crie defesas psíquicas que marcam as subjetividades. Como tudo isso afeta a educação? O mal-estar na cultura muitas vezes se deriva da falta de referenciais simbólicos e identificatórios.

Às condições extremamente adversas encontradas quando da chegada em Mato Grosso, as pessoas respondem com uma solidariedade impressionante, reação que me parece a expressão mais própria da potência, como a define Maffesoli (1987, p. 46 e 47), no que essa força intrínseca, irreprimível, dionisíaca, se impõe como vontade de poder. Em psicanálise, poderíamos chamar essa força de pulsão de vida criando, como diz Zyggouris (1999, p. 27 e 29), “*campos de aimance*” – que une aimer, amar em francês, a aimant, ímã –, campos criados por Eros (boa alternativa à globalização em base à exploração econômica!). Campos invisíveis, habitados por comunidades afetadas por um mesmo fluxo; campos sem chefe, onde os habitantes ligam-se uns aos outros pelos sentimentos. Nas palavras dessa autora, psicanalista, vejo encontro com Maffesoli e Morin. A respeito desses campos, diz ela:

Eu não os classificaria na rubrica da hipnose das massas, ainda que em certas ocasiões haja coexistência dos dois. Imaginemos a saída de um concerto, de uma exposição ou de um teatro: caso não vivêssemos em territórios tão policiados, veríamos as pessoas caindo nos braços umas das outras! (...) [também] A tristeza que junta faz participar do campo de aimance, não sendo necessário um chefe para isso. (...). Com poderia ser a palavra-chave da pulsão de vida (...). (g.m).

Zyggouris diz, como Maffesoli, que somos nômades, diferenciando o nômade da criança errante. Entendo por isso que o nômade seria aquele que não se cristaliza, não se torna rígido, ludicamente criando e deixando criar o novo, explorando novos territórios-campos d’aimance, sem prender-se a rótulos e estereótipos

fixadores, enquanto que a criança errante refere-se à criança narcísica, essa sim petrificada e mal-humorada. Como convocar o nômade em nós? Morin (1997, p. 202) diz que a curiosidade é nômade e que devemos pensar através do jogo de idéias contrárias.

Quanto à essa nova maneira de viver, criação de novos campos-territórios, é interessante o artigo de Morin (1999), publicado no jornal *Le Monde*, a respeito dos protestos contra a reunião da World Trade Organization, em Seattle: ele os analisa positivamente no sentido de uma exigência de mudanças na ordem mundial, criação de novas maneiras de enxergar a globalização desde uma outra perspectiva que não seja o lucro:

Uma outra corrente pode formar um círculo virtuoso ao ligar agricultura biológica e agricultura racional, pesquisa do melhor e não do a mais, de qualidades prioritariamente a quantidades, predomínio do ser sobre o haver², aspiração de usufruir da plenitude da vida, vontade de salvaguardar as diversidades biológicas e culturais (...). Tudo isso devendo convergir na formulação de uma política de civilização que tome a seu cargo todos esses aspectos, na tomada de consciência dos problemas globais e fundamentais para o gênero humano, ou seja, os cidadãos de uma Terra que deve tornar-se pátria³ (p.4).

Quando Morin (19—?) fala sobre paradigmas que criam paisagens mentais (conceito de Maruyama), dizendo que eles referem-se à noção do inconsciente que nos remete a “raízes emaranhadas”, utiliza o termo, paradigma, não só para o conhecimento científico mas para todo sistema mental, dizendo que, para ele,

um paradigma contém, para todos os discursos que se efetuam sob o seu domínio, os conceitos fundamentais ou as categorias mestras

2 Quanto a essa predominância do ser sobre o ter é curioso lembrar que em psicanálise referimo-nos como posição masculina àquela que privilegia o ter (o falo) sobre o ser, enquanto a feminina privilegia, - a partir da falta, da castração, do não ter (o falo), o ser. A nova ordem mundial pede o feminino?

3 Tradução minha, do francês.

da inteligibilidade, ao mesmo tempo que o tipo de relações lógicas de atração/repulsão (conjunção, disjunção, implicação ou outras) entre estes conceitos ou categorias. (p.188)

Diz mais: os paradigmas são inscritos culturalmente nas pessoas, determinando modos de agir, pensar, conhecer; eles regem as idéias e têm caráter semântico, lógico e ideológico – semântico porque determina o sentido, lógico porque determina as operações lógicas do pensamento, ideológico porque rege a associação, a eliminação e a seleção das idéias, sua organização. Para ele um paradigma promove e seleciona as categorias (conceitos básicos) de inteligibilidade, determina as operações lógicas mestras de exclusão-inclusão, disjunção-conjunção, implicação-negação, dando ao discurso que controla o caráter de necessidade e verdade.

Morin compara o paradigma a um vírus que no ADN controla todo o programa da célula, mas, diferentemente do vírus, o paradigma não é exógeno mas endógeno ao discurso, diz ele: “*No nível paradigmático, o espírito do sujeito não tem nenhuma soberania, assim como a teoria não tem nenhuma autonomia. É a este nível que isto pensa e que nós pensamos no eu penso.*” (p. 189). ‘Isto’ soa, aqui, como o ‘isso’, ‘id’, instância psíquica em Freud, isso - o inconsciente, a linguagem, a cultura, o grande Outro lacaniano - que pensa em nós. Tudo isso que diz Morin parece-me relacionado com o que a psicanálise afirma a respeito da linguagem que nos tece, os seus diferentes discursos (mini-paradigmas?) enlaçando-nos com seus significantes, agarrando-nos em suas redes, forjando-nos como seres da linguagem, nela alienados, tentando dar conta de um real que não cessa de não se escrever. A busca de novos paradigmas não é a busca de um discurso mais abrangente?

O autor preconiza um paradigma complexo dialógico de implicação/distinção/conjunção em oposição ao paradigma ocidental cartesiano, vigente desde o século 17 que separa, procedendo por disjunção, sujeito e objeto, alma e corpo, espírito e matéria, qualidade e quantidade, finalidade e causalidade, sentimento e razão, liberdade e determinismo, existência e essência.

A praxis ocidental comandada por esse paradigma é centrada no individual, no etnocentrismo, em técnicas objetivas, quantitativas, manipuladoras do objeto. Traços comuns na história ocidental: ordem, simplificação em restrição à complexidade, à totalidade; pragmatismo, racionalização, dissociação entre humanismo e cientificismo, entre coração e razão.

Morin propõe um tetragrama que inclui ordem-desordem, interação-organização, numa dialógica entre esses termos. Ordem e desordem são, ambas, misteriosas. Afirmar que a vida é mais surpreendente que a morte posto que esta última corresponde à normalidade das interações físicas. Para ele a ciência não é busca de certeza, como no modelo newtoniano, mas negociação com a incerteza que incita ao pensamento complexo uno e múltiplo, certo e incerto, lógico e contraditório.

A psicanálise freudiana feriu o narcisismo humano, como o fizeram Copérnico e Darwin, ao tirar o ser humano do centro do universo, falando de seu descentramento, pelo inconsciente: o ser humano não é dono nem em sua própria casa. Lacan, mais tarde, afirmará a impossibilidade da ciência dar conta do real e da complexidade e singularidade humanas: a linguagem nos humaniza mas, ao mesmo tempo, nos torna seres cindidos e nela alienados, exilados para sempre do natural, pela cultura. Nesse sentido, quando Morin propõe uma sutura epistemológica entre natureza e cultura entendo sua proposta a partir da visão psicanalítica, não cartesiana do homem; as palavras de um psicanalista, Lazslo Antonio Ávila (1997, p. 39), ao escrever um artigo sobre a psicossomática, podem esclarecer o que tento dizer: ele se refere à Banda de Moebius³, tomando-a como representação ideal da relação corpo e mente: não tem frente nem verso; um lado quando percorrido leva ao outro; não se pode dizer o que é dentro ou fora, alto ou baixo. Assim, para a psicanálise, “(...) o

3 A Banda de Moebius é uma figura matemática, que até hoje intriga os matemáticos, inventada por Ferdinand Moebius quando explorava as características paradoxais de um objeto. Sua construção é fácil: cola-se duas extremidades de uma tira de papel, antes torcendo-a no sentido longitudinal, formando-se um anel que lembra um oito.

único corpo puro, isolado da mente, é o do cadáver”, mas, mesmo assim, dado o mundo da cultura, do simbólico, o ser humano não é carniça nem depois de morto.

A ciência clássica expulsou a subjetividade, a desordem e o acaso; reducionista, eliminou o não mensurável, não quantificável, não formalizável. Em busca do absoluto, da verdade e da clareza, não considera o obscuro que, como diz a psicanálise, fica mais claro quando dele se fala, já que é pela linguagem que contornamos as bordas do real, tornando-o mais vivível, menos assustador, apesar de nunca apreendê-lo totalmente. Como bem diz MORIN (19—?) a clareza de algo não é sinal de sua verdade.

A complexidade do real foi descartada, o global dividido em elementos, numa visão atomística, mecanicista, na busca de coerência e controle. Segundo MORIN (19—?) a concepção de mundo da ciência clássica baseia-se em dois postulados racionalizadores: 1 – que há coincidência entre a inteligibilidade lógico-matemática e as estruturas da realidade objetiva e 2 – no princípio da razão suficiente que afirma haver uma razão em tudo o que existe. As contradições são vistas como erros (o que fazer dos humanos, essas ‘metamorfozes ambulantes’, como diz a canção?).

Toda essa visão paradigmática, determinista, materialista, mecanicista, satisfaz aspirações religiosas: necessidade de certezas, de perfeição, de harmonia que, como dizia Freud (1927), não passam de ilusões, não no sentido de erro, mas por sua sobredeterminação pelos desejos de onipotência, de completude, de infabilidade. No mesmo sentido, Morin afirma que a idéia de controle e de posse do mundo pelo homem, por parte da ciência, é uma idéia religiosa de perfeição que substitui a idéia de Deus por ordem, já que a idéia de desordem traz desconforto e desamparo.

Morin também fala da mudança profunda no mundo e no ser humano e seu lugar, na revolução copérnica: a doutrina geocêntrica do mundo revelava um paradigma que colocava o homem no centro do mundo. Revolução ataca evidências, provo-

cando resistências; corrói as bases, as vigas mestras de sustentação que, minadas, já não mantém a construção.

Há uma crise no paradigma do Ocidente? pergunta-se Morin. A revolução paradigmática, tal como a vida, acontece sob condições logicamente impossíveis. Segundo Morin, a consciência de paradigma já indica que estamos separados do paradigma clássico, nas preliminares da constituição do paradigma da complexidade, paradigma que como dissemos, não toca somente a ciência, mas a vida, a cultura em geral. É nesse sentido que pode ser útil a leitura das idéias de Morin para a compreensão do novo mundo novo que se anuncia em Peixoto, nas bordas da sociedade, às suas margens, sempre. Mundo que as visões simplificadoras, cartesianas, quantificadoras positivistas não conseguem abranger. Como esse mundo novo atravessa as professoras, a escola e a educação em geral? Como bem diz MORIN (19—?a, p. 177)., “*O paradoxo da complexidade social é o de determinar as restrições que possam fazer emergir as condições de sua ultrapassagem.*”

O pensamento de Morin sugere enfoques metodológicos que levem em conta a complexidade no que esta palavra sugere: complexus é o que é tecido em conjunto (MORIN, 19—?a, p. 167). Diz ele:

A complexidade não tem metodologia, mas pode ter o seu método. Aquilo a que se chama método é um memento, uma “cábula”...O método da complexidade pede-nos que pensemos sem nunca encerrar os conceitos, que quebrems as esferas fechadas, que resta-beleçamos as articulações entre o que está desconjuntado, que tentemos compreender a multidimensionalidade, que pensemos com a singularidade, com a localização, com a temporalidade... (MORIN, p.150)

Somos tragicamente cegos, tragicamente resistentes a mudanças, a tudo que nos remete ao provisório, ao precário, ao anti-narcísico, à castração. Interessantemente, diz Morin (19—?, p. 210): “*contudo, é necessária uma mancha cega na nossa retina,*

um núcleo inverificável é necessário para organizar a experiência.” Lembrar que Édipo, nosso estruturador social e individual segundo Freud, teve que se cegar para conseguir ver...Destino trágico de todo humano?

Há que considerar, segundo MORIN (19—?a), a errância na vida, na história. Um quarto olhar é necessário: olhar sobre o nosso olhar, incluindo-o em nossas considerações científicas. É necessário o diálogo da ordem com a desordem, tomar em conta a alea (dado de jogar, possibilidade de perda e de erro), pois a desordem e a incerteza que traz é inseparável da evolução de nosso universo. A incerteza é enriquecedora, mas não sabemos se é produzida por nossa insuficiência ou se é própria da realidade. Será o acaso fruto da nossa ignorância? Se sim, de qual tipo de ignorância? Como lembra Morin (1997, p. 9), para Nietzsche não havia problemas puramente intelectuais...

Referências bibliográficas

ÁVILA, Laszlo Antônio. **A Alma. o Corpo e a Psicanálise. Revista Psicologia - Ciência e Profissão.** Ano 17, n. 3, p, 35-39, 1997.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão.** (1927). Obras Completas. São Paulo: Standart Brasileira, Imago, 1969. v. XXI, p. 15-81

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MORIN, E. 1999. Le XXIe siècle a commencé à Seattle. **Le Monde**, Paris, 07 dez. 1999. Disponível em: <<http://www.lemonde.fr/article/0,2320,33578,00.html>>. Acesso em: 02 jan. 2000.

_____. O Pensamento Dissimulado (Paradigmatologia). In: **O Método IV- As Idéias.** Lisboa: Publicações Europa-América, 19—?. Cap. 3, p.186-211.

_____. **Ciência com consciência.** Lisboa: Biblioteca Universitária, 19—a?

_____. **O Enigma do Homem.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Meus Demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ZYGOURIS, Radmila. **Pulsões de Vida.** São Paulo: Escuta, 1999. 124p.